

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 1 de 15

PAC 16

Bem Estar e Abate Humanitário dos Animais Bovinos

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 2 de 15

1. Objetivo-----	03
2. Referências-----	03
3. Campo de Aplicação-----	03
4. Definições-----	03
5. Responsabilidades-----	04
6. Descrição-----	04
6.1 Embarque e transporte dos animais-----	04
6.2 Limpeza e desinfecção dos currais e caminhões boiadeiros-----	06
6.3 Recepção dos animais-----	06
6.4 Abate de emergência-----	07
6.5 Acomodação, repouso e dieta hídrica-----	09
6.6 Condução dos animais e banho de aspersão-----	10
6.7 Insensibilização e sangria-----	10
6.8 Manutenção do equipamento de atordoamento-----	12
7. Monitoramento-----	12
8. Não Conformidades e Ações Corretivas-----	13
9. Ações Preventivas-----	14
10. Registros-----	15
11. Anexos-----	15

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 3 de 15

1. Objetivo

1.1 Estabelecer e padronizar os procedimentos para garantir o bem estar e abate humanitário dos animais, desde o transporte até a sangria, obedecendo às normas vigentes e garantir um alimento com qualidade.

2. Referência

2.1 Instrução Normativa Nº. 03 – 17/01/00 – Regulamento Técnico de Métodos de Insensibilização para o Abate Humanitário de Animais de Açougue.

2.2 Diretiva 93/119;

2.3 http://europa.eu.int/comm/food/animal/welfare/international/index_en.htm

2.4 http://www.oie.int/downld/SC/2005/animal_welfare_2005.pdf

3. Campo de Aplicação

3.1 Este Programa de Autocontrole se aplica a todos os setores dos Frigoríficos de Bovinos.

4. Definições

4.1 Procedimentos de abate humanitário: É o conjunto de diretrizes técnicas e científicas que garantam o bem-estar dos animais desde a recepção até a operação de sangria.

4.2 Animais de açougue: são os mamíferos (bovídeos, equídeos, suínos, ovinos, caprinos e coelhos) e aves domésticas, bem como os animais silvestres criados em cativeiro, sacrificados em estabelecimentos sob inspeção veterinária.

4.3 Recepção e encaminhamento ao abate: é o recebimento e toda a movimentação dos animais que antecedem o abate;

4.4 Manejo: é o conjunto de operações de movimentação que deve ser realizada com o mínimo de excitação e desconforto, proibindo-se qualquer ato ou uso de instrumentos agressivos a integridade física dos animais ou provoque reações de aflição;

4.5 Contenção: é a aplicação de um determinado meio físico a um animal, ou de qualquer processo destinado a limitar os seus movimentos, para uma insensibilização eficaz;

4.6 Atordoamento ou Insensibilização: é o processo aplicado ao animal, para proporcionar rapidamente um estado de insensibilidade, mantendo as funções vitais até a sangria;

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 4 de 15

4.7 Sensibilidade: é o termo usado para expressar as reações indicativas da capacidade de responder a estímulos externos;

4.8 Abate: é a morte de um animal por sangria.

5. Responsabilidades

5.1. Cabe à administração da empresa garantir o pleno funcionamento deste Programa de Autocontrole, criando condições para que seus colaboradores possam manter o mesmo em funcionamento.

5.2. Cabe ao Responsável Técnico elaborar, treinar, implementar, monitorar e revisar este Programa de Autocontrole.

5.3. Cabe ao SIE – Serviço de Inspeção Estadual fiscalizar a aplicação deste programa.

6. Descrição

6.1 Embarque e Transporte dos animais

6.1.1 Iniciamos o procedimento com algumas sugestões de boas práticas de manejo, com a intenção de estimular o treinamento, por parte dos estabelecimentos abatedores para com seus fornecedores.

6.1.2 O papel dos motoristas no embarque é de que eles são responsáveis pela manutenção das boas condições de conservação e de limpeza de seus veículos, além de transportar os animais até o seu destino final. Os veículos deve atender a requerimentos legais, quanto ao mínimo de ventilação além de ser isenta de pregos salientes ou pontas de parafusos, não ter buracos no piso e nem tábuas quebradas. O piso deve ser emborrachado e dispor de estrutura antiderrapante. As divisórias devem estar íntegras e limpas e as porteiças devem abrir e fechar sem dificuldades.

6.1.3 O motorista é o responsável também pela manobra do veículo, que deve estar bem estacionado, sem vãos entre a gaiola e o embarcadouro, evitando assim, acidentes com os animais como quebra de patas por exemplo.

6.1.4 Cada grupo de animais deve ser conduzido ao embarcadouro com calma, sem o uso de ferrões ou choques, sem correr nem gritar. A condução pode ser realizada a cavalo ou a pé, dependendo da categoria animal que está sendo embarcado e da maneira como os vaqueiros estão acostumados a trabalhar no manejo do curral. É muito importante que os animais estejam calmos e tenham espaço suficiente para se movimentarem, visualizarem o caminho que devem seguir e também para obedecerem aos comandos dos vaqueiros. A condução fica mais fácil quando os bovinos andam em fila,

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 5 de 15

portanto maneje os animais de forma que um deles “desponte” do grupo, desta maneira os demais tendem a segui-lo, facilitando o deslocamento para dentro do veículo.

6.1.5 Animais mais reativos que se recusam a entrar no veículo não são raros, o importante é manter a calma sempre. Tente conduzi-los utilizando uma bandeira e aboios. Se na primeira tentativa não der certo, retorne o animal à seringa, junte-o com outros animais que serão embarcados no caminhão, espere que se acalme e então tente conduzi-lo novamente com o grupo. Caso ele se recuse novamente, verifique a possibilidade de ele ser embarcado posteriormente.

6.1.6 Caso não haja possibilidade de manter o animal na propriedade e a dificuldade do embarque aumentar, o cuidado deve ser maior. Utilize um laço na base do chifre do animal ou faça um cabresto caso ele for mocho. Verifique se a corda está firme e não há possibilidade dela escapar. Com a ajuda de um ou dois cavaleiros puxe e empurre o animal para o interior do caminhão. O animal nunca deve ser arrastado. Caso o animal se deite, espere que ele se levante e repita o procedimento. Outra possibilidade para lidar com situações extremas é a utilização do bastão elétrico, que não pode ser aplicado nas mucosas e partes sensíveis (cara, ânus, vagina e olhos por exemplo). Encoste o bastão elétrico no animal e retire-o imediatamente. Nunca utilize o choque ligado na rede elétrica, a voltagem do bastão elétrico não pode ser superior a 60V. Atenção! O bastão elétrico deve ser usado apenas em situações de emergência, não sendo indicado como prática de manejo devido ao alto risco de acidentes em função da reação dos animais.

6.1.7 Animais feridos, doentes ou fêmeas em estágio avançado de gestação devem ser embarcados apenas com a autorização de um médico veterinário ou responsável pelo embarque que deve assinar um termo de responsabilidade. Por lei é permitido somente o embarque de animais saudáveis e que possam suportar a viagem.

6.1.8 O transporte dos animais deve ser realizado atentando-se para os cuidados de bem estar dos animais. Como o transporte rodoviário é o mais usual dentro do Estado de Goiás usaremos a nomenclatura “Caminhões Boiadeiros” para referir-se aos mesmos.

6.1.9 A capacidade dos veículos deve obedecer o peso médio dos animais. Para animais pesando entre 400 e 450 kg de peso vivo, em caminhões do tipo “truck” com gaiolas de três compartimentos, o ideal é formar três grupos de embarque: o compartimento da frente com quatro animais, o do meio com nove e o de trás com cinco.

6.1.10 Após a entrada do primeiro grupo de animais, fechar a porteira do compartimento traseiro e trabalhar para acomodar os animais no compartimento da frente. Um dos vaqueiros deverá estimular os animais a entrarem no compartimento da frente enquanto outro cuida da porteira, que deverá ser fechada após a passagem do último animal. Após acomodar o primeiro grupo, abrir a porteira de entrada

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 6 de 15

e encaminhar o grupo seguinte para o embarque, realizando o mesmo procedimento até que todos os compartimentos sejam preenchidos.

6.2 Limpeza e desinfecção dos currais e caminhões boiadeiros

6.2.1 Os currais devem ser lavados após cada uso, ou seja, sempre que houver a liberação ou esvaziamento dos mesmos e desinfetados no mínimo uma vez por semana com produto a base de lodo e auxílio de bomba aspersora.

6.2.2 Os caminhões utilizados no transporte dos animais devem ser lavados e desinfetados após cada uso, no próprio frigorífico. Primeiramente deve ser feita a remoção física do estrume com água sob pressão e posteriormente a desinfecção com produto a base de lodo e auxílio de bomba aspersora.

6.3 Recepção dos animais

6.3.1 O recebimento dos animais deve ser feito da maneira mais prática e rápida possível para evitar o estresse. Lembrar que o motorista é o responsável pela manobra do veículo, que deve estar bem estacionado, sem vãos entre a gaiola e o desembarcadouro, evitando assim, acidentes com os animais como quebra de patas por exemplo.

6.3.2 No desembarque deverão ser tomadas medidas adequadas que evitem maus tratos a fim de evitar dor e sofrimento aos animais. São elas:

6.3.2.1 Não utilizar da força em animais que refugam;

6.3.2.2 O uso de choque elétrico se restringe extremamente ao necessário para auxiliar a movimentação dos animais. Se necessário, a voltagem do bastão não deverá ser superior a 60 V e deverá ser limitado aos membros, e nunca em áreas sensíveis como olhos, lábios, ouvidos, região anal ou barriga;

6.3.2.3 Se necessário, utilizar equipamentos de apoio (como bandeiras) para mover, encorajar e dirigir os animais, estes facilitam o trabalho quando não há contato físico com eles;

6.3.2.4 Não utilizar de gritos na condução dos animais, pois isto os deixará agitados e poderá causar quedas;

6.3.2.5 Não utilizar de instrumentos que causam dor e sofrimento como varas, varas com pontas afiadas, metais pontiagudos, arames ou cintos de couro;

6.3.2.6 Não arrastar os animais;

6.3.2.7 Não forçar os animais a se moverem a uma velocidade maior que o seu passo normal, de maneira a minimizar injúrias como quedas e escorregões;

6.3.2.8 Não utilizar de atos violentos, sob nenhuma circunstância;

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 7 de 15

6.4 Abate de emergência (animais acidentados, com fraturas, agonizantes, com contusão generalizada, decúbito forçado, sintomatologia nervosa)

6.4.1 Animais que tenham morte acidental, nas dependências do estabelecimento, desde que imediatamente sangrados e eviscerados, poderão ser aproveitados a critério do SIE.

6.4.2 Caso algum animal chegue do transporte acidentado, com fratura, agonizante, com contusão generalizada, em decúbito forçado ou sintomatologia nervosa, este deverá ser abatido de imediato.

6.4.3 É obrigatório por parte da empresa a comunicação ao SIE quando da chegada desses animais, citados acima, para que o mesmo faça o acompanhamento do abate de emergência que deverá ser realizado de imediato.

6.4.4 Nos casos, onde os animais não conseguem se mover, deve-se utilizar um carrinho apropriado para movê-los, sendo proibido arrastá-los vivos. O ideal é que o atordoamento seja feito no próprio local (utilizando-se pistola portátil), sangrado e em seguida conduzido ao matadouro o qual terá seu destino determinado pelo Serviço de Inspeção Estadual local.

MODELO DE PISTOLA PORTÁTIL E ATORDOAMENTO NO CURRAL:



Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 8 de 15

MODELO DE CARRINHO TRANSPORTADOR:



6.4.5 É obrigatório por parte do SIE, a coleta do encéfalo (especificamente o tronco encefálico) para exame laboratorial – diagnóstico de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EET) e envio deste ao laboratório, de todos os animais destinados ao abate de emergência e daqueles mortos durante o transporte.

6.4.6 O procedimento de **coleta de encéfalo** para exame laboratorial segue abaixo:

- 6.4.6.1 Através de um acesso ventral, remova a cabeça, desfazendo a articulação atlantoccipital;
- 6.4.6.2 Disseque a pele e os músculos da cabeça. Abra a calota craniana utilizando machado e marreta ou serra comum. O encéfalo é, então, exposto com a dura-máter intacta;
- 6.4.6.3 Usando tesouras, retire a dura-máter, seccionando a foice do cérebro, o tentório (tenda) do cerebelo;
- 6.4.6.4 Sem o corte prévio dessas estruturas, é impossível remover o cérebro intacto. Evite ao máximo manusear, pressionar e apertar o tecido nervoso durante o processo de remoção, para evitar artefatos histológicos que prejudiquem o exame no laboratório;

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 9 de 15

6.4.6.5 Retire todas essas estruturas da cavidade craniana e separe em: hemisférios cerebrais, cerebelo, tronco encefálico e parte da medula espinhal;

6.4.6.6 Para fixar o tronco encefálico, use formol a 10% que é o fixador indicado. Para preparar um litro dessa solução, use 100 ml de formaldeído (35-40%) e 900 ml de água de torneira.

OBS: Se necessário os exames virológicos e bacteriológicos, lembrar de proceder a coleta antes da fixação do tronco encefálico.

6.4.7 O procedimento de coleta de encéfalo para **exames virológicos e bacteriológicos** segue abaixo:

6.4.7.1 Inicialmente remova o cerebelo, cortando no nível dos pedúnculos cerebelares. Introduza a ponta de uma lâmina no 4° ventrículo pela parte caudal do cerebelo. Corte rostral e horizontalmente os pedúnculos cerebelares separando o cerebelo do bulbo num dos lados e, depois, no outro. Ao findar essa operação, o cerebelo estará completamente separado do encéfalo;

6.4.7.2 Corte na altura do tálamo, separando o tronco encefálico do resto do encéfalo. Ao findar essa operação, você obterá três partes: a) o tronco encefálico, b) o cerebelo, c) o restante do encéfalo;

6.4.7.3 Para obter a amostra 1, retire uma fatia sagital (cerca de 0,5 cm) do verme do cerebelo;

6.4.7.4 Para obter a amostra 2, corte um segmento transversal de cerca de 2,5 cm da medula espinhal cervical;

6.4.7.5 A amostra 3 é obtida cortando-se uma fatia do tálamo cerca de 1 cm de espessura;

6.4.7.6 A amostra 4 é obtida dividindo um dos hemisférios cerebrais na altura do quiasma óptico, separando a parte caudal do restante;

6.4.7.7 Nesse ponto, as quatro amostras a serem enviadas para o exame virológico ou bacteriológico foram obtidas. Os fragmentos selecionados são adequados para o exame de raiva e para exame de outras doenças causadas no sistema nervoso de bovinos por outros vírus e bactérias;

6.4.7.8 Essas três amostras devem ser conservadas em um refrigerador e remetidas refrigeradas. No entanto, se o tempo entre a coleta e a remessa for maior que 24 horas é aconselhável congelar as amostras para a remessa, mas nunca fixá-las.

6.4.7.9 Fotos ilustrativas podem ser encontradas no **Manual de Procedimentos para Diagnóstico das Doenças do Sistema Nervoso Central de Bovinos** do MAPA (www.agricultura.gov.br).

6.5 Acomodação, repouso e dieta hídrica

6.5.1 A capacidade dos currais deverá atender a capacidade da planta quando da sua aprovação. Esta avaliação é necessária para evitar a superlotação dos currais e conseqüentemente o impedimento da chegada dos animais aos bebedouros.

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 10 de 15

6.5.2 No manejo de acomodação, os currais já deverão estar devidamente limpos e com água limpa e abundante nos bebedouros à disposição dos animais.

6.5.3 Os animais a serem abatidos deverão sofrer um período de descanso, jejum e dieta hídrica, por um período nunca inferior a 6 horas.

6.5.4 Recomenda-se que os currais possuam sistema de aspersão de água, para garantir o bem estar dos animais em dias quentes, durante o período de repouso e dieta hídrica.

6.6 Condução dos animais e banho de aspersão

6.6.1 É recomendado que para o manejo dos animais utilize-se bandeiras, no lugar de equipamentos pontiagudos (ferros e ferrões) evitando assim a excitação e maus tratos aos animais. A utilização de choque é permitida em casos de extrema necessidade e devem ser aplicados somente na região dos membros inferiores do animal, no máximo por 2 segundos.

6.6.2 O local do banho de aspersão deverá possuir um sistema tubular de bicos dispostos transversal e longitudinalmente, com jatos direcionados para o centro do banheiro e a água ser clorada. A pressão recomendada é de no mínimo 3 atm e o tempo do banho no mínimo 3 minutos.

6.6.3 Animais que cair, machucar e não conseguir se levantar durante o trajeto entre os currais e a seringa é recomendado que o atordoamento seja feito no próprio local (utilizando-se pistola portátil), sangrado e em seguida conduzido ao matadouro o qual terá seu destino determinado pelo Serviço de Inspeção Estadual.

6.7 Insensibilização e sangria

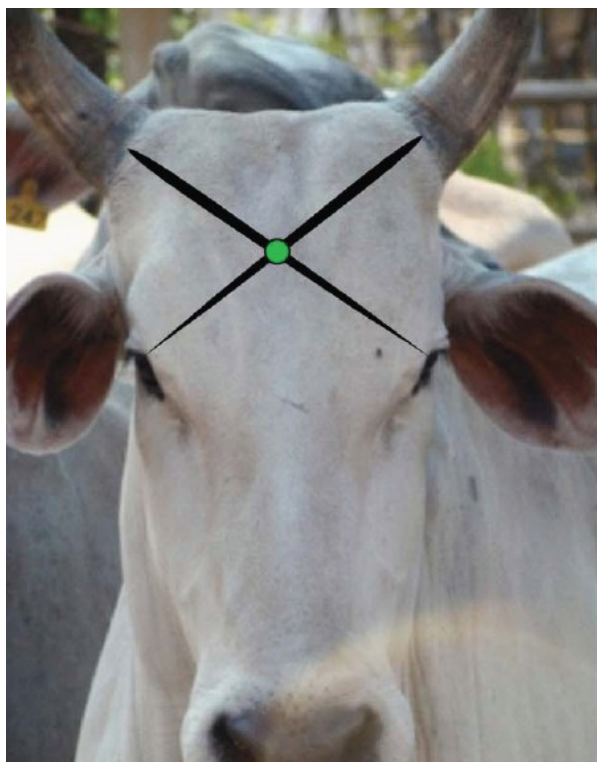
6.7.1 Após o banho de aspersão os animais deverão imediatamente ser conduzidos, pela seringa, ao box de atordoamento.

6.7.2 Os animais devem ser colocados no box de atordoamento somente no momento da insensibilização, e este é feito da maneira mais rápida possível, sem causar excitação pela demora.

6.7.3 Assim que o animal entrar no box, a pistola deverá ser posicionada na região frontal da cabeça do animal e realizado o disparo. Deve-se atentar para o tipo de pistola utilizada (com dardo penetrativo ou de impacto), pois de acordo com o tipo da pistola altera-se o posicionamento da pistola.

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 11 de 15

ALVO DE INSENSIBILIZAÇÃO:



PISTOLA COM DARDO PENETRATIVO



PISTOLA DE IMPACTO

6.7.4 Os parâmetros são: um único disparo, com tempo máximo de 40 segundos após a contenção do animal. A regulação da pistola varia de acordo com recomendações do fabricante porém nunca deverá estar regulada abaixo de 165 libras.

6.7.5 No caso do primeiro disparo não ser eficiente, proceder imediatamente novo disparo em região próxima ao primeiro disparo, nunca no mesmo local.

6.7.6 Caso o animal, após liberado do box de atordoamento para a praia de vômito, ainda apresentar-se sensível, recomenda-se fazer novo disparo com a pistola portátil.

6.7.7 A sangria deverá ser realizada logo após a insensibilização antes que o animal recupere a sensibilidade, evitando dor e sofrimento. A mesma deve ser feita no máximo 60 segundos após a insensibilização.

6.7.8 A operação de sangria é realizada pela secção dos grandes vasos do pescoço de modo a provocar um rápido, profuso e mais completo possível escoamento de sangue.

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 12 de 15

6.7.9 Após a sangria o animal permanece sobre a calha de sangria por no mínimo 3 minutos, tempo este que deverá ser ajustado ao comprimento da calha quando do abate com nórea (não manual). Nesta etapa é permitido APENAS estimulações elétricas com o objetivo de acelerar as modificações *post-mortem*, sendo extremamente proibido o início das operações de esfolagem, remoção de patas, orelhas ou qualquer outra.

6.8 Manutenção do equipamento de atordoamento

6.8.1 É de responsabilidade da empresa a manutenção da pistola e a mesma deverá atender cronograma conforme a ser descrito no PAC 01, atentando-se para as recomendações do fabricante.

7. Monitoramento

O quê	Como	Quando	Quem
Área I – Curral	Visualmente, a densidade do veículo; as condições dos animais; as condições dos caminhões; o desembarque; as condições dos currais; da água dos bebedouros; o jejum e dieta hídrica; a presença de vocalizações durante o manejo; lavagem dos currais e dos caminhões.	Diariamente	A ser definido pela empresa.
Área II – Abate	Visualmente, pressão da pistola, quantidade de disparos; tempo entre contenção e insensibilização; tempo entre insensibilização e sangria; sinais de insensibilização; tempo entre sangria e início das operações; avaliação da sangria.	Diariamente	A ser definido pela empresa.

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 13 de 15

8. Não Conformidades e Ações Corretivas

Não Conformidade	Ação Corretiva	Quando	Quem
Superlotação ou baixa lotação.	Adequar a organização de cargas; roteiro de buscas.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Animais caídos, machucados, pisoteados	Treinar os motoristas, promover paradas entre o trajeto.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Gaiolas quebradas, com materiais pontiagudos, ausência de piso antiderrapante	Adequar gaiolas, montar cronogramas para execução das adequações do piso.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Desembarque com gritos, com a utilização de ferrões, choques	Treinar colaboradores que manejam o gado.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Currais superlotados, ausência de piso antiderrapante	Adequar a distribuição de lotes, montar cronogramas para execução das adequações do piso.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Ausência de água nos bebedouros; água insuficiente; água suja	Promover a manutenção se necessário, adequando as instalações dos bebedouros.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Não cumprimento do tempo de jejum e dieta hídrica	Cumprir o tempo de jejum e dieta hídrica.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Vocalização de animais durante o manejo, devido à quedas, escorregões, choques	Treinar colaboradores que manejam o gado.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Currais sujos após esvaziamento	Lavar os currais após o esvaziamento dos mesmos.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Caminhões sujos após o desembarque e após saída do estabelecimento	Lavar as gaiolas após o descarregamento das mesmas.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Pressão da pistola em desacordo com as especificações do fabricante ou inferior a 165 libras	Adequar a pressão da pistola conforme recomendação do fabricante ou para o mínimo de 165 libras.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 14 de 15

Não Conformidade	Ação Corretiva	Quando	Quem
Superlotação ou baixa lotação.	Adequar a organização de cargas; roteiro de buscas.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Animais caídos, machucados, pisoteados	Treinar os motoristas, promover paradas entre o trajeto.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Gaiolas quebradas, com materiais pontiagudos, ausência de piso antiderrapante	Adequar gaiolas, montar cronogramas para execução das adequações do piso.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Desembarque com gritos, com a utilização de ferrões, choques	Treinar colaboradores que manejam o gado.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Currais sujos após esvaziamento	Lavar os currais após o esvaziamento dos mesmos.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Mais de um disparo durante o atordoamento	Treinar colaboradores que atordoam os animais.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Tempo entre contenção e insensibilização superior a 40 segundos	Treinar colaboradores que atordoam os animais.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Presença de reflexos e/ou movimentos oculares; movimentos de membros; contrações musculares tônicas e clônicas; presenças de vocalizações; presença da ritmicidade respiratória; ausência de relaxamento da mandíbula	Promover novo atordoamento. Verificar pressão da pistola e adequar se necessário.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Tempo entre insensibilização e sangria superior a 60 segundos	Treinar colaboradores que sangram os animais.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Tempo entre sangria e início das operações inferior a 3 minutos	Treinar colaboradores que iniciam as operações.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.
Fluxo sanguíneo ineficiente.	Treinar colaboradores que sangram os animais.	Quando da ocorrência	A ser definido pela empresa.

Logomarca da empresa	MODELO AGRODEFESA	Revisão 00
	Programa de Autocontrole PAC 16	Página 15 de 15

9. Ações Preventivas

9.1 É fundamental que após um histórico de ocorrências, inicie um processo de ações preventivas com o intuito de prevenir reincidências.

9.2 Outras medidas também poderão ser adotadas conforme julgamento dos responsáveis pelo estabelecimento com intuito de prevenir reincidências.

10. Registros

10.1 PAC 16 – PL 01 Monitoramento

11. Anexos